



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

CYBELLE SOUSA DA SILVA

, CLARICE EM DOIS GÊNEROS OU UMA APRENDIZAGEM DOS AFETOS:

JOÃO PESSOA – PB
2023

CYBELLE SOUSA DA SILVA

, CLARICE EM DOIS GÊNEROS OU UMA APRENDIZAGEM DOS AFETOS:

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação dos Cursos de
Graduação presenciais de Licenciatura em
Letras da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito para a obtenção do título de
licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Amanda Ramalho
de Freitas Brito.

JOÃO PESSOA – PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Cybelle Sousa da.
 , Clarice em dois gêneros ou uma aprendizagem dos
afetos: / Cybelle Sousa da Silva. - João Pessoa, 2023.
21 f. : il.

Orientadora: Amanda Ramalho de Freitas Brito.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2023.

1. Lispector, Clarice. 2. Linguagem Cinematográfica.
3. Linguagem Literária. 4. Adaptação. 5. Clarice
Lispector. I. Brito, Amanda Ramalho de Freitas. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82:791

Dedico este trabalho à todas as mulheres que em algum momento da vida mergulharão em si para uma aprendizagem sobre a sua imensidão.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço ao meu Deus, pelo amparo diário na palma da Sua transparente mão, e pela força que eu jamais teria encontrado sozinha.

Ao meu avô e pai Cordeiro (*in memoriam*), que tanto me quis ver formada.

À Francisca Cordeiro, minha tão forte mãe, que sempre me incentivou a estudar.

À minha doce filha Cecília, razão do meu não desistir.

Ao meu irmão e professor de Língua Portuguesa, Diego Sousa.

Ao meu grupinho do poder, que a Universidade me presenteou para além dela, Aline Gouveia, Mailing Félix, Marcelo Felinto, Mayara Bezerra, Renan Silva e Stefany Barros, pois o fardo foi bem mais leve com eles por perto.

À Aline Ferreira, minha grande incentivadora e ampliadora de conhecimentos. Obrigada por sua amizade, dedicação, paciência, inspiração, e por me apresentar esta obra tão singular de Clarice Lispector. Sem você esse trabalho não existiria. Muito obrigada por tudo que você já me ensinou e fez por mim. Nem em cem anos eu conseguirei retribuir.

À Elaine Moraes, colega de turma que se transformou em uma figura importantíssima na minha caminhada acadêmica. Obrigada por sua amizade tão valiosa, sua tranquilidade, companheirismo e puxões de orelha tão assertivos. Se eu estou concluindo o meu curso de Letras, você tem grande participação nisso.

Ao professor Sérgio de Castro Pinto, por sua sensibilidade contagiante à poesia. Muito obrigada por reforçar em mim o amor pela Literatura, outrora adormecido pelos percalços da vida adulta.

Aos professores Expedito Ferraz Júnior, Amador Ribeiro Neto, Camilo Rosa e Willy Paredes a minha eterna gratidão por tanto!

Às professoras Socorro Pacífico, Prisciane Ribeiro e Alyere Farias, por tanta aprendizagem.

À minha admirada professora Amanda Ramalho, por aceitar ser minha orientadora mesmo com tantas demandas. Suas aulas me mostraram o que é amor e dedicação no coletivo e no individual. Sua inteligência e sensibilidade me abriram os olhos para o cinema, teatro e literatura como eu jamais imaginei. Sua sabedoria e humildade são inspiração e incentivo para todos os que têm o privilégio de tê-la como professora.

Às minhas amigas Alexsandra Santos e Hellen Leal, por tamanha paciência em minha ausência, e por sempre acreditarem no meu potencial.

À Fernanda Pinheiro, minha inspiração de mulher independente e corajosa. Obrigada por sua amizade de mais de duas décadas.

À Karolina Nogueira, por sempre me fazer rir com sua positividade e leveza nos meus momentos mais difíceis.

E o meu não agradecimento à minha memória tão precária, que certamente está esquecendo de alguém muito importante dessa minha longa jornada universitária.

RESUMO

O presente trabalho trata da adaptação da linguagem literária e do nível de transmissão dos sentimentos, tais quais, melancolia, solidão e paixão quando transformada em linguagem cinematográfica. Na adaptação literária, os processos são aplicados e selecionados com base no público-alvo da obra adaptada, o que inclui uma abordagem especial do texto e da imagem. No caso do filme *O Livro dos Prazeres* (2020), dirigido e produzido por Marcela Lordy, baseado no romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969), de Clarice Lispector, busca-se desenvolver sobre a transformação das palavras em imagem, voz, ação e outras formas de comunicação que o livro não possibilita, apesar de sua riqueza de detalhes que muitas vezes também não aparece na adaptação. Dessa forma, tomando como base teórica as obras de Linda Hutcheon, Robert Stam e Boris Schnaiderman, este estudo parte da paixão como base para comparação entre as obras.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem Cinematográfica; Linguagem Literária, Adaptação; Clarice Lispector.

ABSTRACT

This article deals with the adaptation of literary language and the level of transmission of feelings, such as melancholy, loneliness and passion when transformed into cinematic language. In literary adaptation, processes are applied and selected based on the target audience of the adapted work, which includes a special approach to text and image. In the case of the film *The Book of Pleasures* (2020), directed and produced by Marcela Lordy, based on the novel *An Apprenticeship or The Book of Pleasures* (1969), by Clarice Lispector, it seeks to develop on the transformation of words into image, voice, action and other forms of communication that the book does not allow, despite its wealth of details that often also does not appear in the adaptation. Thus, taking as a theoretical basis the works of Linda Hutcheon, Robert Stam and Boris Schnaiderman, this study starts from passion as a basis for comparison between the works.

KEYWORDS: Cinematographic Language; Literary Language, Adaptation; Clarice Lispector.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 A ESTÉTICA DE CLARICE LISPECTOR	10
2 CLARICE EM DOIS GÊNEROS: LITERATURA E CINEMA	11
2.1 Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres	11
2.2 A adaptação cinematográfica: O Livro dos Prazeres	12
2.3 A paixão no livro e na adaptação	15
3 LEITURA CRÍTICA: APRENDIZAGEM DO AFETO/PAIXÃO, FOCO EM LÓRI E ULISSES	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

A adaptação de obras literárias é muito comum no cinema brasileiro. Dentre as mais conhecidas, pode-se citar, *O Auto da Compadecida* (2000), com direção e roteiro de Guel Arraes, onde temos a adaptação do livro homônimo do escritor Ariano Suassuna, de 1995. Guel também dirigiu, em 2008, a adaptação da peça teatral de Mário Jorge Mattos, *Lisbela e O Prisioneiro* (1964). Outrossim, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, baseada no livro homônimo de Machado de Assis foi dirigida por André Klotzel (2001). *Macunaíma*, de Mario de Andrade (1928) foi adaptado para o cinema em 1968 e dirigido por Joaquim Pedro de Andrade. Outra adaptação de um clássico da Literatura Brasileira foi *Capitães de Areia*, de Jorge Amado (1937), que foi dirigida por sua neta Cecília Amado, em 2011. O primeiro livro de Chico Buarque, *Estorvo*, lançado em 1991, foi adaptado ao cinema em 2000 e dirigido por Ruy Guerra. *A Hora da Estrela*, livro lançado por Clarice Lispector em 1977 foi adaptado ao cinema em 1985, dirigido por Suzana Amaral.

Robert Stam (2000) afirma que sempre haverá perdas e ganhos em uma adaptação, devido a mudanças da linguagem e até de mídia (STAM, 2000, p. 62). Dentro dessa perspectiva, de acordo com Johnson (2003) “As relações entre literatura e cinema são múltiplas e complexas, caracterizadas por uma forte intertextualidade”. Desse modo, em nosso entendimento, a intertextualidade presente nas adaptações faz surgir novas perspectivas diante de autores tão renomados como Clarice Lispector, autora do livro *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969), que serviu de inspiração para a adaptação da diretora e roteirista Marcela Lordy em seu primeiro longa-metragem, *O Livro dos Prazeres* (2020), ambos, livro e filme, são as corpóreas da presente pesquisa.

Sendo assim, este trabalho de conclusão de curso pretende compreender como a linguagem cinematográfica traduz o texto Lispectoriano em *O Livro dos Prazeres*, analisar a construção da personagem Lóri, comparando o âmbito cinematográfico com o texto literário, problematizar a diferença do foco na personagem do livro para os personagens no filme e entender a paixão de Lóri.

Para tanto, pretendemos discutir a estética de Clarice a partir do *Drama da Linguagem*, de Benedito Nunes (1989), analisar a perspectiva das personagens tanto no livro quanto na adaptação, no que diz respeito a paixão, bem como discutir de que modo

a aprendizagem do afeto é abordada no romance e na adaptação com base nos estudos da Teoria da Adaptação de Hutcheon (2011).

1 A ESTÉTICA DE CLARICE LISPECTOR

Encontramos no estilo de Clarice Lispector (entendendo-se por estilo aquele modo pessoal de o escritor usar as possibilidades da língua, de acordo com determinadas constantes, que correspondem a um conjunto de traços característicos) certas matrizes poéticas que indicam o movimento em círculos, da palavra ao silêncio, do silêncio à palavra. O estilo de Clarice Lispector tem na *repetição* o seu traço de mais largo espectro. Referimo-nos ao emprego reiterado dos mesmos termos e das mesmas frases, recurso que os antigos retóricos consideravam um meio hábil para exprimir a paixão com mais força e mais energia.

Essa repetição trazida por Clarice aumenta a ênfase no seu falar, a carga emocional, a expressividade e a intensidade nas palavras se tornam inseparáveis. (NUNES, 1989, p. 135 – 137).

“sentou-se para descansar e em breve fazia de conta que ela era uma mulher azul porque o crepúsculo mais tarde talvez fosse azul, faz de conta que fiava com fios de ouro as sensações, faz de conta que a infância era hoje e prateada de brinquedos, faz de conta que uma veia não se abria e faz de conta que dela não estava em silêncio alvíssimo escorrendo sangue escarlate, e que ela não estivesse pálida de morte mas isso fazia de conta que estava mesmo de verdade, precisava no meio do faz de conta falar a verdade de pedra opaca para que contrastasse com o faz de conta verde cintilante, faz de conta que amava e era amada, faz de conta que não precisava morrer de saudade, faz de conta que estava deitada na palma transparente da mão de Deus, não Lóri mas o seu nome secreto que ela por enquanto ainda não podia usufruir, faz de conta que vivia e não que estivesse morrendo pois viver afinal não passava de se aproximar cada vez mais da morte, faz de conta que ela não ficava de braços caídos de perplexidade quando os fios de ouro que fiava se embaraçavam e ela não sabia desfazer o fino fio frio, faz de conta que ela era sábia bastante para desfazer os nós de corda de marinheiro que lhe atavam os pulsos, faz de conta que tinha um cesto de pérolas só para olhar a cor da lua pois ela era lunar, faz de conta que ela fechasse os olhos úmidos de gratidão, faz de conta que tudo o que tinha não era faz de conta, faz de conta que se descontraiu o peito e uma luz douradíssima e leve a guiava por uma floresta de açudes mudos e de tranquilas mortalidades, faz de conta que ela não era lunar, faz de conta que ela não estava chorando por dentro – pois agora mansamente, embora de olhos secos, o coração estava molhado; ela saía agora da voracidade de viver” (LISPECTOR, LP, p. 12 – 13).

Sua linguagem sensorial e subjetiva para retratar o interior de Lóri no trecho acima torna sua leitura uma experiência enigmática, mística e profunda. Algo até então inédito ou pelo menos pouquíssimo conhecido na Literatura.

2 CLARICE EM DOIS GÊNEROS: LITERATURA E CINEMA

2.1 Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres

Clarice Lispector nasceu na pequena cidade de Chechelnyk, na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920. Para fugir da guerra, sua família veio para o Brasil, desembarcando primeiramente em Alagoas, porém, foi no Recife que a menina apaixonada por livros cresceu e em seguida partiu para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua carreira literária.

Em 1944, Clarice publicou seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, que retratava uma perspectiva internalizada do mundo da adolescência e inaugurava uma nova tendência na literatura brasileira. O romance causou um verdadeiro choque entre a crítica e o público da época. Sua narração quebra a ordem e a cronologia de começo, meio e fim, e integra prosa e poesia. A obra “*Perto do Coração Selvagem*” foi muito bem recebida pela crítica e ganhou o Prêmio Graça Aranha no mesmo ano.

Clarice publicou ainda mais 8 romances: *O Lustre* (1946), *A Cidade Sitiada* (1949), *A Maçã no Escuro* (1961), *A Paixão Segundo G.H.* (1964), *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969), *Água Viva* (1973), *A Hora da Estrela* (1977), *Um Sopro de Vida* (1978). Além de livros de literatura infantil, entrevistas, artigos de jornais, crônicas e centenas de contos.

Não obstante, dentre suas obras pode-se apreciar as adaptações de *A Hora da Estrela* (1985), *Ruído de Passos* (1996) e *A Paixão Segundo G.H.* (com lançamento nacional previsto para 2023) e *O Livro dos Prazeres* (2020), adaptação de *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969). Apesar do grande fascínio que a relação literatura e cinema exerce na contemporaneidade, os estudos sobre as obras de Clarice Lispector adaptadas para o cinema ainda não se renderam completamente a esta vertente de pesquisa.

Mas por qual motivo Clarice possui tantas adaptações, tendo em vista sua linguagem fragmentária e não tão popular como naturalmente seria, para cair no gosto do público de cinema? A resposta pode ser pela sua trajetória, sua forma fascinante de escrever e exprimir o feminino e o seu prazer de forma tão única, em uma época que a

mulher era escrita apenas sob a ótica masculina, devido à cultura patriarcal que ainda perdura na sociedade nos dias de hoje.

Clarice Lispector disse: “sou teimosa e não fiz ao longo da minha vida senão perseverar na mesma trilha, suprimir os fatos e privilegiar as sensações. Com o risco de não ser publicada” (LISPECTOR apud GOTLIB, 1995, p.88). Sensações essas boas ou ruins, acabam sendo conhecidas de perto pelo leitor, através do fluxo de consciência, que permite o seu contato com as transformações psíquicas das personagens, que costumam apresentar algum metamorfismo de consciência, que consiste em a personagem se conhecer de uma maneira, mas ao decorrer da história, após mediações, epifanias, mudam sua forma de se relacionarem com o mundo e com si mesmas.

Em nota inicial ao livro *Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres*, Clarice escreve: “Este livro se pediu uma liberdade maior que tive medo de dar. Ele está muito acima de mim. Humildemente tentei escrevê-lo. Eu sou mais forte do que eu”. A protagonista da história é Loreley, uma jovem professora de crianças que vive sua solidão de forma melancólica, mas que ao mesmo tempo adora se sentir sedutora e atraente para viver aventuras rasas sem nenhuma perspectiva de amor. Lóri, como é chamada, conhece Ulisses, um professor de filosofia mais velho que ela, e o interesse de um pelo outro a faz entrar numa aprendizagem, guiada por ele, para dentro de si, para antes que se entregue a ele, amadureça e conheça a si mesma. Essa iniciação não é fácil, tendo em vista a introspecção vivida por Lóri desde muito cedo, em sua vida solitária e taciturna, onde ela possui apenas uma amiga e quase nenhum contato com sua família.

O livro inicia-se com uma vírgula, o que remete a uma travessia, uma nova fase na vida de Lóri, que de fato só começa a viver e a se deixar envolver em sensações cotidianas a partir dessa preparação com Ulisses, que apesar de também estar apaixonado por ela, aguarda pacientemente o seu autoconhecimento, para enfim iniciarem um relacionamento formal. Após muito sofrimento, rejeição e dores internas, numa noite de chuva Lóri finalmente se vê pronta para amar e ser amada por Ulisses, ela enfim enxerga a sua força, depois de uma longa caminhada cheia de pequenas vitórias, como a de entender sua liberdade, e de entrar no mar sozinha na penumbra entre a madrugada e o raiar do dia. Essa entrega faz os dois quase morrerem de amor, e Lóri, que jamais cogitara filhos, ter o desejo de ter engravidado naquele momento do seu amado. Mas enquanto Lóri está levemente feliz, Ulisses volta a sofrer de vida e de amor, e então o livro se encerra com ele interrompendo a fala de Lóri para dizer o que pensa, findando o livro com dois pontos.

2.2 A adaptação cinematográfica: O Livro dos Prazeres

Figura 1: Cartaz do filme “O livro dos Prazeres”.



Fonte: Foto do cartaz do filme tirada pela autora.

O Livro dos Prazeres, de Marcela Lordy (2020) – (cartaz do filme na **figura 1**) nasceu, segundo a autora e diretora do filme, quando ao terminar um relacionamento,

leu o livro *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969), e além de se identificar com Loreley, se desafiou a realizar o sonho de dirigir seu primeiro longa-metragem.

A trama traz Lóri para dias atuais. Ela já não é tão jovem, como enfatiza seu irmão em visita surpresa. Sua rotina na escola é mostrada, assim como sua melancolia, solidão e dor em seu apartamento deixado de herança por sua mãe, de frente para o mar, em um bairro nobre do Rio de Janeiro. No filme, Marcela Lordy opta em dividir o foco da história entre Lóri e Ulisses (**figura 2**), trazendo acontecimentos na vida deste que o livro não deu luz, mostrando quem sabe até um Ulisses mais real e mais envolvido na relação que ajuda Lóri a construir para os dois. No filme, apesar da aprendizagem iniciada por Lóri, tanto ela como Ulisses acabam se envolvendo com outras pessoas, inclusive o filme traz os dois personagens como bissexuais. Porém nada os impede de ficarem cada vez mais conectados, ao longo dessa espera.

Figura 2: Atores que interpretam as personagens “Lóri” e “Ulisses” no filme “O livro dos Prazeres”



Fonte: Imagem retirada da internet.

Uma outra adaptação de Clarice Lispector para o cinema foi *A Hora da Estrela*, livro lançado em 1977, que teve sua estreia em 1985, dirigido por Suzana Amaral. O enredo traz Macabéa, uma nordestina de 19 anos que se muda para São Paulo para tentar sobreviver como datilógrafa, mas sem muita emoção pois é uma moça sem tantas perspectivas. Mesmo assim, conhece um outro nordestino, Olímpio, mas que acaba sendo trocada por sua colega de trabalho. Quando enfim Macabéa sente um impulso por viver, depois de uma consulta a uma cartomante que lhe vislumbra sobre o seu futuro, ela morre atropelada por um carro.

O conto Ruído de Passos faz parte do livro *A Via-Crúcis do Corpo* (1974), adaptado em 1996 em um curta-metragem de 12 minutos, com roteiro e direção de Denise Gonçalves. A adaptação traz dona Cândida Raposo, uma viúva de 81 anos que ainda sente desejo de prazer, mas se sente envergonhada quando desenganada por um médico, acaba se arranjando sozinha, como ela mesma diz. E assim segue sua vida até ouvir o ruído dos passos de seu amado, que na verdade é a morte lhe chegando.

Para Walter Benjamin, contar histórias é sempre a arte de repetir histórias (1992, p. 90). A adaptação tem a sua própria aura, sua própria presença no tempo e no “espaço, uma existência única no local onde ocorre” (BENJAMIN, 1968, p. 214). Virgínia Woolf considerou o filme como um parasita da literatura, mas previu que o cinema tinha potencial de evolução para uma linguagem própria: “o cinema tem ao seu alcance inúmeros símbolos para emoções que até hoje não encontraram expressão nas palavras” (WOOLF, 1926, p. 309).

Linda Hutcheon (2011) diz que a adaptação é uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular. Essa transcodificação pode envolver uma mudança de mídia (de um poema para um filme) ou gênero (de um épico para um romance), ou uma mudança de foco, e, portanto, de contexto: recontar a mesma história de um ponto de vista diferente, por exemplo, pode criar uma interpretação visivelmente distinta. Sempre envolve tanto uma interpretação quanto uma (re)criação; dependendo da perspectiva, isso pode ser chamado de apropriação ou recuperação. É uma forma de intertextualidade; nós experienciamos as adaptações (enquanto adaptações) como palimpsestos por meio da lembrança de outras obras que ressoam através da repetição com variação (HUTCHEON, 2011, p. 29-30).

Sobre os personagens, eles são cruciais aos efeitos retóricos e estéticos de textos narrativos e performativos, pois engajam a imaginação dos receptores através do reconhecimento, alinhamento e aliança (SMITH, 1995, p. 4-6). Para Hutcheon, o desenvolvimento psicológico é parte do círculo narrativo e dramático quando os personagens são o foco da adaptação. Mudanças na focalização ou no ponto de vista da história adaptada podem conduzir a diferenças significativas. Quando Marcela Lordy traz para a sua adaptação um Ulisses mais atuante e detalhado que no livro de Clarice, ela pode estar tentando conduzir o espectador a uma empatia talvez não obtida na outra forma de mídia.

2.3 A paixão no livro e na adaptação

As adaptações cinematográficas baseadas em livros muitas vezes são cobradas pelo público que espera por uma fidelidade ao texto que não se faz possível, dentre outras coisas, por ser um outro tipo de mídia, então não conta com a linguagem verbal e figurativa da escrita, mas tem a seu favor o audiovisual, a narração, o diálogo, e isso a possibilita caminhar por outras vertentes da história contada.

Embora relacionados, literatura e cinema são produções distintas, então se fazer enxergar a inviabilidade de fidelidade por meio de autores e mídias se faz necessária para a compreensão e aceitação maior de filmes por aqueles que leram a obra adaptada.

No livro *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969), Clarice Lispector inicia a história de sua protagonista Loreley ou Lóri com uma vírgula, chegando das compras feitas pela sua empregada, carregando maçãs, sua comida preferida e as dispondo em uma fruteira. Sua casa é no térreo, ela mora sozinha, e está em férias do colégio onde dá aulas para crianças. Lóri já menciona Ulisses, sem sabermos como se conheceram, e marca de se encontrar com ele, tenta escolher o vestido mais atraente para tentar seduzir o homem que lhe dissera que não tinha bom gosto para se vestir. Então ela sente um estremecer, e um choro seco lhe toma de súbito.

Agora lúcida e calma, Lóri lembrou-se de que lera que os movimentos histéricos de um animal preso tinham como intenção libertar, por meio de um desses movimentos, a coisa ignorada que o estava prendendo – a ignorância do movimento único, exato e libertador era o que tornava um animal histérico: ele apelava para o descontrole – durante o sábio descontrole de Lóri ela tivera para si mesma agora as vantagens libertadoras vindas de sua vida mais primitiva e animal: apelara histericamente para tantos sentimentos contraditórios e violentos que o sentimento libertador terminara desprendendo-a da rede, na sua ignorância animal ela não sabia sequer como, estava cansada do esforço de animal libertado (LP, 1969, p. 13 – 14).

No filme *O Livro dos Prazeres*, Lóri recebe de herança da sua falecida mãe um apartamento em um prédio de frente para o mar, no Rio de Janeiro. O apartamento ainda possui malas e caixas da mudança. Lóri descobre um escritório onde encontra com lembranças de sua mãe, retratadas em pinturas, um mapa marcando lugares já visitados, pequenos objetos e um diário com anotações e fotos de Clarice Lispector como sendo a sua mãe. Lóri vive sozinha em seu apartamento, pois seu pai e irmãos moram em outra cidade. Além da sua amiga cartomante, ela mantém certo convívio com o filho dela, que também é seu aluno, com colegas de trabalho da escola, inclusive se envolvendo superficialmente com um dos professores. O cenário escolar é testemunha do

desabrochar de uma nova Lóri, que ao decorrer do seu processo de autoconhecimento, se abre para o mundo, e isso inclui sua turma de crianças, onde outrora ela trouxe o diário da mãe para eles, e introduziu aulas sobre o pensamento existencialista, agora ela passa a interagir de forma mais leve, espontânea e de acordo com a idade das crianças.

Em uma ocasião, Lóri é surpreendida por um tucano em sua sala de aula, e consegue se divertir com a situação, passando assim segurança aos alunos, a ponto de um deles dizer que o tucano é inofensivo. Certo dia ela recebe a visita do irmão, que reclama seu distanciamento da família, mostra uma das casas da família à venda, o que a entristece e chateia profundamente, causando discursão entre os dois. Ela relata o descontentamento com o pai por ele ter votado em certo político, e usa isso como desculpa para manter-se afastada dele.

Lóri sente curiosidade em visitar Ulisses, mas ao chegar próximo de sua casa, se depara com um aluno dele saindo de lá, então desiste da visita, e vai embora dali um tempo.

Clarice evidencia o protagonismo total de Lóri, falando do seu prazer como mulher, da sua independência, assunto considerado polêmico até hoje em nossa sociedade ainda contaminada pelo machismo. Talvez essa força, essa forma única e destemida de Clarice em criar mulheres fortes e protagonistas de suas vidas nas suas histórias, a faça ter sua obra tão lida, estudada e adaptada até os dias de hoje.

3 LEITURA CRÍTICA: APRENDIZAGEM DO AFETO/PAIXÃO, FOCO EM LÓRI E ULISSES

No filme O Livro dos Prazeres, depois de muito tentar se conhecer, Lóri em uma reflexão, finalmente entende que amar não é sofrer.

Já no livro, depois que ela e Ulisses se entregam um ao outro, Ulisses sente a dor do amor, e fica meio que perdido nesse vasto campo de sensações trazidas pelo amor correspondido, que é algo tão idealizado, mas que pode assustar quando chega. Porém essa ligação, esse dialogismo entre os dois parece levá-los para a construção do amor real.

Boris Schnaiderman diz que dialogismo é a atividade em relação à consciência alheia viva e com plenos direitos. A relação dialógica seria “a única forma de relação com o homem-pessoa que conserva a liberdade deste, a sua característica de algo não acabado”. A dialética é um produto abstrato do diálogo.

Sobre a adaptação cinematográfica, Linda Hutcheon fala que todos os adaptadores fazem seleções que não apenas simplificam, como também ampliam e vão além, fazem analogias, criticam ou mostram respeito para com a obra adaptada. E é isso que vemos na adaptação de Marcela Lordy, ela ampliou nossa visão sobre Ulisses, mas sem diminuir a grandeza e profundidade de Loreley.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender a linguagem cinematográfica que traz O Livro dos Prazeres, filme de Marcela Lordy, baseado na obra de Clarice Lispector, Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (1969), comparou os textos e fez a análise da construção da personagem Lóri, comparando-a no âmbito literário e cinematográfico.

Tentamos trazer os motivos de Clarice para escrever sua personagem de uma forma centralizada, devido à sua consciência individual, enquanto Marcela Lordy dividiu o foco da protagonista com seu par, e buscamos entender a paixão de Lóri e suas ações interiores em função dos seus desejos e dores íntimas. Mostramos a estética de Clarice, onde é dito que o estilo dela se dá pelo modo de repetição usado em suas narrativas.

Acreditamos que conseguimos trazer alguma contribuição no âmbito acadêmico no tocante a adaptações, pois essas duas obras nunca haviam sido trabalhadas juntas. Porém, por se tratar de um estudo inédito, muitas limitações foram encontradas, ainda que com uma boa bagagem teórica.

Esperamos complementar este trabalho com pesquisas futuras que enriqueçam ainda mais o campo das adaptações cinematográficas. Pois, julgamos muito importante conhecer ainda mais a fundo uma personagem tão apaixonante desde primeiro contato com essa obra de Clarice, no início de 2020, período inicial da pandemia. Mesmo sabendo que Clarice possui muitas camadas, esperamos conseguir extrair de Lóri ainda mais vida.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **A Personagem da Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1964. (Coleção debates)

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação** / Linda Hutcheon; tradução André Cechinel. 2. ed. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

JOHNSON, Randal. Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso de Vidas Secas. In: PELLEGRINI, Tânia et al. (2003) **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo: Instituto Itaú Cultural.

LISPECTOR, Clarice. 1920-1977. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** / Clarice Lispector. 1º ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

NUNES, Benedito. **Filosofia e Literatura**: a paixão de Clarice, 2021.

NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem**. Editora Ática, 1989.

PELLEGRINI, Tânia et al. (2003) **Literatura cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo: Instituto Itaú Cultural.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Turbilhão e semente**: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

STAM, Robert. **Teoria e Prática da Adaptação**: da fidelidade à intertextualidade. Florianópolis: n° 51, p. 19-53, 2006.